

# Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

## Estudo 4 – Discipulado cristão na Carta aos Romanos

### Romanos 15 e 16

Elaborado por Solange Livio  
[slivio@ibest.com.br](mailto:slivio@ibest.com.br)

A partir desta lição, a série de estudos sobre Discipulado Cristão estará sendo desenvolvida à luz dos ensinamentos bíblicos de algumas epístolas de Paulo, as de Pedro e as de João.

Começamos, então, pela carta de Paulo aos Romanos, dando destaque aos dois últimos capítulos.

Como cristãos que somos, repetimos e repetimos que o nosso modelo de vida é Jesus e que somente para Ele devemos olhar. É fato que este é um aspecto essencial do discipulado cristão, como temos visto até aqui.

No entanto, não é suficiente falar; é preciso praticar os exemplos deixados por Cristo. Nossas palavras poderão perder o valor se não forem confirmadas por nossa conduta.

Romanos 15 é um texto, entre outros, que desperta a nossa lembrança sobre aquilo que já sabemos: Jesus é o modelo de conduta cristã. Ele viveu e praticou aquilo que ensinou; também ensinou, e ensinamos hoje, através daquilo que praticou. A sua conduta é lição de vida. As expressões “*porque também Cristo...*”, “*como também Cristo...*” permeiam os ensinamentos desta passagem bíblica, exortando-nos a seguir os exemplos do Mestre.

Neste sentido, duas características do Senhor Jesus são destacadas no texto: **altruísmo** e **abnegação**. Os seus discípulos são chamados a reproduzi-las no relacionamento com os irmãos da fé.

Para isso, os fortes devem suportar as fraquezas dos fracos e não agradar a si mesmos (v.1), visando à edificação dos tais (v.2), dos que são mais débeis.

O termo **forte** pode ser compreendido em dois sentidos:

- descrever aqueles que se encontram favorecidos por uma consciência mais esclarecida quanto aos assuntos de Deus; os que estão mais instruídos na Palavra.

- descrever a capacidade moral de alguns que, no caso, não devem considerá-la somente para si, mas utilizá-la para dar apoio e orientação a quem precise.

Esses dois significados não conferem privilégios ou prestígio a uns, em detrimento de outros. Ao contrário, eles se completam entre si e apontam para uma única finalidade: promover a união e a unidade dentro da Igreja. As dissensões e divisões devem ser evitadas.

Por essa razão é que o forte deve suportar o fraco, em vez de defender o seu próprio interesse. O egoísmo deve dar lugar ao altruísmo, a exemplo de Cristo. Paulo nos lembra disso, citando o Salmo 69:9, que diz: “*as ofensas dos que te ofendiam caíram sobre mim*”. Claro deve estar que não se trata de tolerar o pecado, o qual deve ser abandonado, tão pouco se tornar conivente com o erro. Antes, porém, devemos contribuir para o crescimento uns dos outros, lembrando que a finalidade última desse processo é a edificação do corpo de Cristo.

O resultado deste procedimento é ressaltado por Paulo nos versos 5 e 6: “*Que o Deus da perseverança e do ânimo vos dê o mesmo modo de pensar entre vós, segundo Cristo Jesus. Para que, unânimes e a uma só voz, glorifiquéis o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*”. A unidade de corações na Igreja glorifica a Deus.

Para tanto, temos por base e fonte de inspiração as Escrituras desde o AT, da qual nos vem esperança e ânimo “*porque tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para a nossa instrução*” (v.4).

Com esse mesmo objetivo, o de promover a unidade dentro da Igreja, devemos ainda **acolher** uns aos outros, uma vez que todos nós, fortes e fracos, fomos acolhidos por Cristo. Todos os crentes, os convertidos a Jesus, devem ser recebidos na Igreja, independente do nível de conhecimento da

verdade ou do grau de maturidade espiritual que possuem (v.7). Todos os que Cristo acolheu devem ser recebidos. Não para discussões sobre pontos divergentes, mas para que juntos glorifiquem a Deus.

Possuídos de bondade, cabe-nos ainda a responsabilidade mútua de instruímos uns aos outros com o conhecimento que vamos adquirindo (v.14).

Até aqui, todas essas advertências nos falam sobre o procedimento que devemos adotar uns para com os outros, na condição de irmãos em Cristo. O relacionamento entre os crentes faz parte do discipulado cristão.

No entanto, no final da carta aos Romanos encontramos uma admoestação importantíssima quanto às pessoas que devemos evitar. São cuidados tão necessários à vida da Igreja quanto são as orientações anteriores.

A advertência nos põe em alerta quanto à possibilidade da infiltração de falsos mestres no ambiente da Igreja. Assim como a Igreja em Roma esteve ameaçada pela presença deles, o mesmo pode ocorrer com as igrejas de hoje. É possível que, no caso da Igreja em Roma, o ensino desviante propagado pelos falsos mestres insinuasse aos crentes uma licenciosidade imoral que se baseava na doutrina errônea de que quanto mais pecado, maior graça ainda. Uma distorção de Romanos 5:20, que estava sendo utilizada como incentivo ao pecado.

Diante desta possibilidade, a recomendação feita aos crentes é clara: **“afastai-vos deles”** (Romanos 16:17).

Notemos que esta é uma postura oposta à que nos é recomendada adotar para com os nossos irmãos em Cristo, no capítulo 15. Aos irmãos devemos acolher, independente da condição em que cheguem à Igreja; dos falsos mestres devemos tomar distância.

Os motivos para o afastamento são, ao mesmo tempo, as características que os identificam. Elas estão relatadas na exortação dos versos 17 e 18: *“Irmãos, exorto-vos que tenhais cuidado com os que causam divisões e colocam obstáculos ao ensino que aprendestes; afastai-vos deles. Porque eles não servem a Cristo, nosso*

*Senhor, mas aos próprios interesses, e enganam o coração dos inocentes com palavras doces e lisonjas”.*

As **características** principais dos falsos mestres são:

- doutrina em desacordo com a Palavra de Deus;
- uso de palavras suaves e lisonjeiras com os mais simples ou novatos na fé.

As **consequências** de sua influência nociva são:

- divisão na Igreja;
- desvio de alguns crentes dos ensinamentos da Bíblia.

Sendo assim, há duas formas de preservarmos o bom desenvolvimento do discipulado cristão: sendo diligentes naquilo que é útil e agrada a Deus; cautelosos com aquilo que pode ser nocivo.

Para ambas as formas, há uma garantia de êxito: o conhecimento da Palavra de Deus. É ela que nos torna sábios em relação ao bem e puros em relação ao mal (v.21). Se por ela andarmos, a unidade da Igreja será mantida e o nome de Jesus será glorificado.

Que para tanto o Senhor nos abençoe e ajude.

Consulta bibliográfica  
Davidson, F e Thomson, G. T.  
O Novo Comentário da Bíblia. Vol. III  
São Paulo: Edições Vida Nova, 1963.